

FONTE : Diário da Manhã

CLASS. : Garimpo / 60

DATA : 24.4.83

PG. : 21 02

CAL

24.4.83

DIÁRIO DA MANHÃ — PÁGINA 21

Mamoré quer acordo com garimpeiros na lavra de Mata Azul

A empresa Mamoré Mineração e Metalurgia S/A, de São Paulo, propôs anteontem em reunião realizada no Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), aos garimpeiros de Mata Azul — a 412 quilômetros de Goiânia, no município do Peixe — uma solução para a questão que perdura desde princípio de 79. A firma, que explora a jazida, passa a perfurar o subsolo, do local, numa profundidade de até 20 metros, com auxílio dos garimpeiros. E, se encontrada a cassiterita, ela compra o minério de indústria dos trabalhadores. O delegado do sindicato deverá levar a proposta aos demais garimpeiros, para ver se aprovam a negociação.

A primeira tentativa de negociação foi quando a própria empresa propôs indenizar as 560 pessoas — entre crianças e adultos —, para que elas se retirem do local onde trabalham há cinco anos. Os garimpeiros fizeram o levantamento e exigiram Cr\$ 120 milhões de indenização, mas a firma não concordou e se dispôs a vender a área, de 15 mil metros quadrados, à categoria, pela metade do preço. Os garimpeiros aceitaram — já que a firma Best, de São Paulo, estaria interessada em adquirir o garimpo —, mas o DNPM impediu a negociação por considerá-la ilegal, segundo informações da delegacia regional do sindicato nacional da categoria.

ENCERRADO

Se os garimpeiros de Mata Azul aceitarem a última proposta, de trabalho conjunto, poderá ser resolvido o problema verificado na região nestes cinco anos. O fato é que a firma Mamoré, segundo conta o delegado regional do sindicato, Frederico Pinto Cedro, pesquisou a região e nada encontrou. No princípio de 79, cerca de três mil pessoas se dirigiram para a região e encontraram cassiterita (um dos minérios mais caros), daí "a firma quis tomar o garimpo de volta, tendo sido impedida pelo DNPM".

Surgiu então o personagem que criou os maiores problemas para os que ali trabalham — segundo explica o delegado do sindicato na região, Reinaldo Celestino Leite —, o sargento do Exército, reformado, Francisco de Aguiar. De acordo com os relatos dos dois garimpeiros que se encontravam em Goiânia, Aguiar entrou na região como um dos trabalhadores, "não tendo obtido êxito", e tentou montar um paiol (que venderia pólvora aos trabalhadores), mas foi impedido pelo DNPM. "Ele então, ofereceu seus serviços à firma e foi contratado". A

partir daí, "o sargento Aguiar passou a andar pelo garimpo armado de carabina, juntamente com seu irmão, o cunhado e um outro homem".

Em dezembro de 81, quando três camionetas lotadas de garimpeiros estavam saindo do local, cercado pelo próprio Aguiar, iniciou-se uma discussão entre o sargento e um dos garimpeiros, porque o primeiro se negava a abrir a porteira. Reinaldo, que era um dos presentes, informa que Alonso Pereira de Miranda, o garimpeiro que dirigia uma das camionetas — acompanhado de sua esposa, um filho e um neto —, saiu do veículo quando foi morto com três tiros pelo sargento. Os demais garimpeiros, que a tudo assistiam, não reagiram, segundo Reinaldo, porque foram disparados tiros para o alto. O colegas de trabalho levaram a vítima para um hospital próximo, mas não houve como salvá-lo.

OUTROS PROBLEMAS

O grupo que atirou foi expulso do local, e a polícia de Palminópolis prendeu o sargento Aguiar. Quatorze meses depois, o sargento voltou ao local, acompanhado pelo advogado Wilton Cerqueira, (que na época não era diretor da Metago), e outros policiais que proibiram os garimpeiros de ali trabalharem. O sindicato entrou em contato com o Exército, a Secretaria de Segurança Pública e a Polícia Federal, e a Polícia Militar prendeu alguns dos homens. No mês passado, o sargento Aguiar retornou ao garimpo, acompanhado de um tenente reformado, do Exército, para fechar o local.

Novamente a polícia de Palminópolis foi requisitada, e expulsou o sargento da região. Há 10 dias, Aguiar voltou ao local, acompanhado de três agentes do DOPS, para dar cobertura ao sargento, de acordo com o que relatam os garimpeiros, e os agentes viram a real situação e passaram a protegê-los. Estes fatos fizeram com que o DNPM convocasse a reunião, que se realizou ontem, entre a firma e os trabalhadores.

O sindicato, juntamente com os garimpeiros que se encontravam em Goiânia ontem, esclarece que foi Wilton Cerqueira, quem determinou o envio destes policiais, para dar guarita ao sargento Aguiar, na região. Informa que o Departamento de Polícia Judiciária tem um ofício do advogado pedindo o auxílio da Polícia Federal no garimpo, acusando os trabalhadores de desordem e desvio de material. E assegura ter sido Cerqueira o responsável pelo retorno de Aguiar ao local, quando se tentou fechar o garimpo.

Versão do advogado

O diretor da Metago, Wilton Cerqueira, apresentando sua versão sobre os fatos, diz que foi contratado pelo sargento Aguiar para defendê-lo no processo de homicídio ocorrido na região. Segundo Cerqueira, o sargento era, então, empregado da firma Mamoré Mineração, e ele se dispôs a comprovar não ter sido o sargento o responsável pelos tiros que mataram Alonso Pereira: "Vou chegar ao final provando que ele não tem culpa".

Em outubro do ano passado, de acordo com o que afirmou o advogado, ele teve seus serviços contratados pela própria firma para resolver a questão do garimpo. "A Mamoré tem a concessão de explorar inclusive este ano o garimpo", diz o advogado, garantindo não estar mais envolvido com o processo. Explica ter-se retirado do caso devido às agressões da polícia de Palminópolis contra o pessoal da região. "Depois que um cabo de Palminópolis arrebitou com o pessoal, eu me afastei definitivamente", acrescenta.

Cerqueira afirma que esteve na região por duas vezes quando foi fotografar o local onde ocorreu o crime. Na segunda vez, ele foi a pedido da empresa, para tentar um acordo com os garimpeiros. "Mas não encontrei ninguém, as pessoas que estão lá não são garimpeiros, eles não usam métodos rudimentares para a exploração". O advogado acrescenta ainda que, como diretor da Metago, denunciou o fato ao presidente do órgão, e comunicou à Secretaria da Fazenda e à Secretaria da Segurança Pública que há desvio de impostos — "em torno de Cr\$ 8 milhões por mês" — na região.

DNPM acredita em um acordo

O diretor do distrito do Departamento Nacional de Produção Mineral (DNPM), Sevan Naves informou ontem que o acordo entre a firma e os garimpeiros está em fase de negociação. "Vejo com muito otimismo este acordo", afirmou ele, que participou das diversas reuniões entre as partes. A questão básica em discussão, segundo o diretor, está exatamente na metragem a ser perfurada pela empresa. Assim que se chegar a um denominador comum sobre esta profundidade a ser perfurada pela empresa, juntamente com os garimpeiros, deverá ser iniciado o trabalho. Faz parte do acordo a retirada dos garimpeiros do local assim que for atingida a profundidade prevista.